

Relato de experiência

A produção das primeiras reportagens no cenário da complexidade: uma experiência em sala de aula

Resumo

No presente texto, relata-se um das atividades desenvolvidas na disciplina introdutória de Jornalismo na UniRitter, em Porto Alegre, RS. A experiência da realização de reportagens em diferentes níveis de formatação e complexidade aponta para descobertas e reflexões sobre a prática do jornalismo em sala de aula. Assim sendo, denota a necessidade de uma aprendizagem como um ato pleno de significação. O avanço na qualidade da narrativa jornalística é percebido da primeira à terceira reportagem.

Palavras-chave: reportagem; ensino; complexidade; jornalismo.


Abstract

This paper describes one of the activities in the introductory course in Journalism UniRitter, in Porto Alegre, RS. The experience of conducting reports at different levels of complexity and formatting points to discoveries and reflections on the practice of journalism in the classroom. Thus, denoting the need for learning as an act full of meaning. The advancement in the quality of journalistic narrative is perceived from the first to the third story.

Keywords: report; education; complexity; journalism.

Resumen

En este trabajo se describe una de las actividades en el curso de introducción en Periodismo UniRitter, en Porto Alegre, RS. La experiencia de la realización de informes en diferentes niveles de complejidad y los puntos de formato a los descubrimientos y reflexiones sobre el ejercicio del periodismo

 Leandro Olegário ¹

¹ Doutorando, Mestre em Comunicação Social, jornalista e radialista. Professor na Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre, RS.

en el aula. Por lo tanto, lo que denota la necesidad de aprender como un acto lleno de significado. El avance en la calidad de la narrativa periodística se percibe desde la primera a la tercera historia.

Palabras clave: informe; educación; complejidad; periodismo.

Reflexão e preparação para a prática

É pertinente ao que este trabalho se propõe e na crença de seu autor começar com uma citação do teórico, pesquisador e docente Paulo Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade. (FREIRE, 2005, p. 24)

A Faculdade de Comunicação do Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre, RS, com os cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, foi criada no primeiro semestre de 2012. Especificamente o curso de Jornalismo apresenta no primeiro semestre a disciplina de Conceitos, Técnicas e Práticas do Jornalismo, CTPJ. O que equivale a outras instituições de ensino superior à chamada ‘Introdução ao Jornalismo’ traz como ementa na UNIRITTER “[...] apresentar ao aluno os primeiros conceitos sobre Jornalismo, como noticiabilidade, gêneros jornalísticos, técnicas de entrevista e reportagem, além de redação jornalística” .

Dentro do plano de ensino cabe ressaltar os objetivos gerais: compreender o papel e a importância do jornalismo no cenário nacional e global; oferecer conceitos fundamentais sobre jornalismo; e, proporcionar o conhecimento técnico por meio da prática em laboratório. Relacionados estão os objetivos específicos: apresentar a terminologia do jornalismo; refletir sobre o papel social, ético e profissional do jornalismo; desenvolver competências e habilidades para atuar com o jornalismo; e, aplicar os conhecimentos teóricos em atividades práticas supervisionadas.

Os primeiros professores a ministrar a disciplina foram Laura Glüer (manhã) e Leandro Olegário (noite) em 2012/1. A partir de 2012/2 assumimos a titularidade da disciplina. Nossa abordagem, neste trabalho sobre o prisma didático-pedagógico, estará centrada no turno da noite. Nesses seis semestres, notamos uma troca de visão entre professores e alunos, que resultou em um trabalho em sala de aula com resultados positivos, não mensuráveis em tabelas ou percentuais – excetuando-se a avaliação institucional², mas na percepção nítida do amadurecimento da construção do texto jornalístico e no envolvimento do corpo discente com a disciplina.

É preciso ponderar que essa disciplina marcou a nossa estreia na docência, depois de uma década de experiência na mídia eletrônica em Porto Ale-

² Pesquisa anual feita com o corpo discente que tem objetivo avaliar desempenho e relacionamento do professor com a turma e entre os próprios alunos, além da percepção em relação ao conteúdo e avaliação e comprometimento no processo de ensino-aprendizagem.

gre, Rio Grande do Sul. O olhar do mercado jornalístico gaúcho, sem deixar de lado pressupostos da metodologia do ensino superior, colaborou para a construção do conteúdo e cronograma da disciplina.

Um dos principais diferenciais foi valorizar a realização prática dos estudantes do primeiro semestre com três reportagens³, em escala de complexidade.

A complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à produzida no passado pelo paradigma copernicano. Mas essa nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se “autoproduz”, confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas, o que vale dizer que com a complexidade ganhamos a liberdade. (MORIN, 1998, p.12)

O processo: atuação e avaliação

A primeira reportagem tem como características: título, subtítulo, *lead* e um entrevistado, cinco perguntas/respostas – modelo ‘pingue-pongue’⁴ ou ‘pergunta-resposta’, com temática livre. Já a reportagem II: título, subtítulo, 25 linhas, mínimo duas fontes a serem entrevistadas⁵, podendo o aluno escolher entre as áreas de política e cultura. E a terceira matéria: Título, subtítulo, 35 linhas, três entrevistados, com a possibilidade temática entre as editorias de economia e esporte.

É preciso considerar que a primeira reunião de pauta é feita cerca de um mês antes da entrega da reportagem. Em sala de aula, cada aluno comenta sobre qual tema pretende fazer a matéria. A interação entre os alunos e o professor, com a troca de sugestões de fonte e estruturação do texto, acontece nessa fase. Esse processo se repete pelo menos duas vezes, reforçando o conceito de que a pauta é sempre uma ideia – que pode vingar ou não, dependendo de múltiplas variáveis. “A reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido” (LAGE, 2002). Esse ângulo é definido na pauta.

Nesse período, a principal dúvida dos estudantes é sobre o desenvolvimento da entrevista. Explicamos que ela deve ser presencial, preferencialmente em local público ou no ambiente de trabalho da fonte. O celular torna-se uma ferramenta importante nessa etapa, a partir de aplicativos gratuitos (gravador, dicionário, etc), indicados aos alunos pelo professor. Não se desconsidera o valor de permanência e eficácia de dois símbolos do imaginário popular a respeito da atuação do repórter: o bloco de papel e a caneta.

A entrega das reportagens é feita via EAD, pelo sistema *moodle*. Para tanto, os alunos levam os textos estruturados para trabalho no laboratório de informática, onde recebem orientações para o aprimoramento da construção da matéria. Uma dinâmica que traz resultados é a troca de lugares, ou seja, quando um aluno lê a reportagem do outro e identifica pontos como a falta de objetividade e clareza, por exemplo. Depois do trabalho enviado pelos

³ Reportagem: considerada uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento (BARBOSA FILHO, 2003, p.92); conjunto de providências necessárias à elaboração de uma matéria. Engloba pesquisa, entrevista e seleção de dados relacionados à mensagem a ser veiculada. (PORCHAT, 1993, p.196).

⁴ Reportagem: considerada uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento (BARBOSA FILHO, 2003, p.92); conjunto de providências necessárias à elaboração de uma matéria. Engloba pesquisa, entrevista e seleção de dados relacionados à mensagem a ser veiculada. (PORCHAT, 1993, p.196).

⁵ Entrevista: representa uma das principais fontes de coleta de informação de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas (BARBOSA FILHO, 2003, p.93); diálogo entre repórter e fonte, sob forma de perguntas e respostas, para obter informações (PORCHAT, 1993, p.175).

estudantes, começa a etapa de correção. Cada reportagem é impressa e os aspectos positivos e negativos mais relevantes são anotados no próprio texto pelo professor. Isso leva em conta o modelo de avaliação Diagnóstica, que busca avaliar as competências do aluno.

Faz com que o professor procure identificar e interpretar reações específicas do aluno, para alcançar o desenvolvimento do estudante na sua totalidade. É um processo dinâmico que visa ainda identificar as dificuldades dos alunos e trabalhá-las, além de ressaltar as suas potencialidades. (GRILLO, 2003, p36.)

Na devolução de cada reportagem, é aberto um espaço, na aula, para a apresentação dos principais acertos e equívocos mais recorrentes da turma. A proposta é sempre criar um ambiente de troca e reflexão. Como diz Paulo Freire, (2005, p. 22) “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”.

Considerações provisórias

As experimentações vivenciadas pelos estudantes do primeiro semestre de jornalismo são positivas. Embora os conceitos, técnicas e reflexões críticas estejam em um estágio incipiente, o avanço na qualidade da narrativa jornalística é perceptiva da primeira à terceira reportagem. Isso, por consequência, mexe com a autoestima do aluno, dando fôlego para pensar sobre novas pautas, procurar por um estilo linguístico e identificar referências no mercado de trabalho, além de servir como portfólio e, ainda, diferencial competitivo na busca por uma vaga de estágio, por exemplo.

De tal modo, o cenário do Paradigma da Complexidade se faz presente na produção das primeiras reportagens. A interligação de fatores como formatação do conteúdo, temática, fontes e as relações tempo-espço e teoria-prática servem como balizadores para futuras vivências dos acadêmicos no campo jornalístico. Como propõe Edgar Morin (2008), embora possamos analisar uma estrutura em sua pretensa totalidade, não podemos ignorar suas unidades. Desse modo, quando realizado um recorte pontual, como neste trabalho, não se pode desconsiderar a multiplicidade na qual ele está inserido.

A tapeçaria é mais do que a soma dos fios que a constituem. Um todo é mais do que a soma das partes que o constituem. Segunda etapa da complexidade: o fato de que existe uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele não possam todas exprimir-se plenamente. Estão inibidas ou virtualizadas. O todo é então menor que a soma das partes. Terceira etapa: o todo é simultaneamente mais e menos que a soma das partes. (MORIN, 2008, p. 123-124)

Entendemos que a ação mais adequada a ser adotada nessa disciplina seja a aprendizagem como um ato pleno de significação, pois apresenta condições e características que se adaptam à realidade do curso de Jornalismo. Pois, a aprendizagem significativa ocorre quando o aluno relaciona uma nova informação à rede de significados que já possui e constitui sua estrutura cognitiva. O objetivo é caracterizado pela relevância do conteúdo e pela possibilidade de novas construções. Dessa forma, conforme Grillo (2003, p. 37), “[...] ao realizar tal aprendizagem, o aluno assimila os significados relativos ao novo conteúdo. O material assimilado, porém, sofre alterações, sendo alguns aspectos menos relevantes modificados ou esquecidos”.

Assim sendo, destacamos que “[...] aprende-se a escrever notícias como se aprende a andar, tentando e levando tombos” (Lage, 2002, página). Teoria e prática podem e devem andar juntas na construção do conhecimento, que se alicerça à complexidade, “o que é tecido junto”, conforme proposto por Morin (1998). Nesse sentido, respeitando a tessitura comum e o complexo que ela forma para além de suas partes.

Ressaltamos que as experiências desenvolvidas na disciplina de CTPJ, Conceitos, Técnicas e Práticas do Jornalismo, em nada anulam ou substituem os conhecimentos e as atividades a serem aplicadas nos semestres posteriores e não têm a pretensão de concluir os eixos paradigmáticos e variáveis da densidade teórica, técnica, reflexiva e ética para a construção de pautas e notícias, cujos elementos são indispensáveis à formação profissional no século XXI.

Referências

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ENRICONE, Délcia; GRILLO, Marlene. *Avaliação – uma discussão em aberto*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª edição, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *Revista da Associação Palas Athena – Ensayos THOT - ‘Complexidade e Liberdade’*, pp. 12-19. São Paulo, edição 67, 1998.

PORCHAT, Maria Elisa. *Manual de radiojornalismo – Jovem Pan*. São Paulo: Ática, 1993.

SILVA, Nívea Rohling. *A intercalação de gêneros na entrevista pingue-pongue*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura. Ano 05, n.11, 2º Semestre de 2009. Disponível em: www.letramagna.com. Acesso em 01.10.2014.